

# Nas Origens do Movimento de 64: De como o plano internacional chegou à Paraíba, com neutralismo, Cuba e Nova Igreja\*

José Octávio\*\*

## Introdução

Do ponto de vista histórico, as tensões sociais da Paraíba, no período anterior ao desenlace de primeiro de abril de 1964, situaram-se em quadro de implicações internacionais, nacionais, regionais e locais.

Como, no entendimento de José Honório Rodrigues, a História do Brasil processa-se por via reflexa, no sentido de que “elaboramos História Nacional e consumimos História Universal”, a extensão dessa fórmula à Paraíba significa que, encartada no Nordeste com secular vinculação a Pernambuco, a História do nosso Estado expressa-se por elaboração regional que consome História Nacional, como caudatária deste.

Como, por seu turno, a História do Brasil vincula-se ao mundo, constitui equívoco de limitações paroquiais, situar a Paraíba, no mais rico período de sua História - o de agosto de 1961 a março de 1964 - em termos exclusivamente locais. O panorama era mais largo, o que impõe dimensionamento internacional, nacional, regional e estadual.

---

\* Capítulo inicial de estudo produzido em 1994 sobre as origens do movimento de 1964, na Paraíba. Os capítulos segundo e quarto, referentes aos planos nacional e local foram inseridos em *O Jogo da Verdade - Revolução de 1964, 30 Anos Depois*, de que o autor se fez um dos organizadores e co-autor.

\*\* Professor do Departamento de História da UFPB/Doutor em História (USP).

## **Do Policentrismo ao Neutralismo**

No plano internacional, inseparável da Paraíba 1961/4, onde, à esquerda, emergiam as linhas moscovita, chinesa e cubana do movimento comunista, enquanto à direita se aproximava cada vez mais dos Estados Unidos, promotores da Aliança para o Progresso, Ponto IV e Voluntários da Paz, um ano chave foi o de 1956.

Nela, enquanto o desembarque anglo-francês do canal de Suez evidenciava divergências entre os Estados Unidos e o velho colonialismo da França e Inglaterra, a invasão da Hungria, pelos tanques da União Soviética, punha a nu as dificuldades desta em controlar o Leste Europeu, questão que, afinal, se definiria com os últimos anos da década de oitenta.

Em fevereiro de 1956, as denúncias levantadas pelo premier soviético Nikita Krushev contra Joseph Stalin, em famoso relatório secreto do XX Congresso do PCUS, aceleraram a crise do mundo bipolar dos acordos de paz do final da Segunda Guerra Mundial, em Yalta e Potsdam.

Ante o entendimento de que cada país deveria seguir o próprio rumo, fora das imposições de Washington e Moscou, despontavam tanto o policentrismo do Partido Comunista Italiano, de Palmiro Togliatti, Luigi Longo e Enrico Berlinguer, na condição de fermento do futuro eurocomunismo, quanto o neutralismo. Este, fomentado pelas Conferências de 1958 e 1961, em Bandung e Belgrado, sob a liderança do indiano Nehru, egípcio Nasser, indonésio Sukarno e, principalmente, iugoslavo Tito, geraria, no Brasil, a chamada Política Externa Independente dos chanceleres Afonso Arinos e San Thiago Dantas, durante as presidências Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961/64). Simpatizante dessa tendência que o levaria a aproximar-se do bloco afroasiático, Quadros chegou a adotar indumentária de inspirações indianas - o pijânio.

Nos anos anteriores ao movimento militar-político de 1964, essas questões repercutiam na Imprensa paraibana onde os jornalistas Plauto de Andrade (*Correio da Paraíba*), José Octávio (Rádio Arapuan e *Tribuna do Povo*), Lopes de Andrade (*Diário da Borborema*) e João Manuel de Carvalho (*Última Hora*, do Recife) esposavam o neutralismo e a Política Externa Independente, contra o fogo cerrado de *A União* e, principalmente, *O Norte*. Neste último, expressões da chamada grande Imprensa, como Assis Chateaubriand e Theophilo de Andrade, enxergavam nas novas formulações “entrega do Brasil à subversão e ao comunismo”.

Foi assim por via da Imprensa, como procurei demonstrar no ensaio “Revisão e Combate no Grupo José Honório Rodrigues”, de *José Honório Rodrigues: um Historiador na Trincheira* (1994), que a Paraíba inseriu-se no plano internacional de forma bem mais ampla que aquela intentada por intelectuais de esquerda, logo após a Segunda Guerra Mundial.

Com a multiplicação do número de jornais e a inserção político-cultural do rádio, renovado por Linduarte Noronha e Otinaldo Lourenço, a área política também acusou receptividade, através parlamentares como o deputado Mário Silveira, às colocações de instituições como o ISEB e escritores do quilate de Paulo de Castro, Moacyr Werneck de Castro e José Honório Rodrigues, às questões internacionais. Sobre estas a Associação Paraibana de Imprensa (API) e alguns diretórios acadêmicos não tardaram a proceder cursos e debates.

A feição ideológica, conquanto democrática, dessas manifestações, evidenciou-se mediante feroz resistência das correntes políticas e culturais vinculadas à burguesia agro-exportadora. A editoria da *Tribuna do Povo* foi denunciada à própria direção do jornal, *O Norte* proibiu artigos favoráveis ao neutralismo, e na Assembléia Legislativa e Câmara Municipal de João Pessoa representantes da UDN taxaram de comunistas

os defensores dessa tendência. A posição da Igreja, ainda visceralmente conservadora, afinava com essa orientação.

O chamado universo multipolar da *Coexistência pacífica* e do novo equilíbrio mundial emergia, assim, em contexto de exacerbação política e ideológica.

### **Da Desestalinização à Revolução Cubana, na Esquerda.**

À esquerda, a desestalinização proposta por Krushev era contraditória, porque apoiada em postulados... (neo) estalinistas. Alguns Partidos Comunistas mundiais, como o italiano e o chileno, buscaram aprofundá-la, mas esse não foi o caso do brasileiro que, dotado de estria personalista e insurrecional prestista, só formalmente o acolheria.

Mesmo as incongruências desse processo não impediriam formulações ortodoxas que sobrevieram com a posição da China de Mao-Tse-Tung que cerrou fileiras com a revolução mundial e rompeu com o "revisionismo" soviético. Às voltas com intermináveis questões de fronteiras com o poderoso vizinho, os chineses ofereciam novo ponto de apoio para o milenarismo proletário que deveria liquidar o "Tigre de papel" dos imperialismos ocidental e americano.

No Brasil, essas divergências ocasionaram o surgimento, em 1962, do Partido Comunista do Brasil (PC do B) que reuniu velhos estalinistas do PCB (João Amazonas, Diógenes Arruda, Maurício Grabois, Pedro Pomar) e alguns quadros intelectuais paulistas. Na Paraíba, essa corrente, auto-intitulada de orientação chinesa, apenas sugestionava reduzido núcleo estudantil ligado à fração Política Operária (POLOP), em verdade muito mais universitária que operária...

Se a China ficava longe e servia mais para manifestações simbólicas de blocos carnavalescos fantasiados de chins, durante o carnaval de 1961, no Esporte Clube Cabo Branco, algo bem diverso ocorreu com a Revolução Cubana que, vitoriosa sobre a ditadura militar de Fulgêncio Batista, a

primeiro de janeiro de 1959, proclamou-se marxista, sob a chefia do premier Fidel Castro, em 1961.

Além de localizar-se na América Central, junto aos Estados Unidos e à reduzida distância da estratégica Amazônia, Cuba, constituiria, culturalmente, a nação latinoamericana mais próxima ao Brasil. Isso explica as simpatias despertadas pelo fidelismo revolucionário junto a estudantes - tanto secundaristas quanto universitários - intelectuais, camponeses - que encaravam na revolução Cubana modelo de reforma agrária adaptável ao Brasil - e antigos segmentos esquerdistas incompatibilizados com as transigências da União Soviética, e neoestalinismo maoista da China.

Na Paraíba, afastando-se dos trabalhistas de João Goulart, socialistas de esquerda de Assis Lemos e comunistas da coexistência pacífica, uma fração das Ligas Camponesas - apoiada por estudantes trotskistas e alguns intelectuais - proclamou-se abertamente fidelista. Tratava-se da ala fiel ao deputado pernambucano Francisco Julião, bastante ativa em Santa Rita, com Antônio Dantas, e Sapé, com dona Elizabeth Teixeira.

### **Os Estados Unidos, do Vietnam à América Latina**

Do lado das “forças da ordem”, todavia, os Estados Unidos não se encontravam inertes.

Tendo aplastado o nacionalismo radical da Guatemala de Jacob Arbenz, em 1954, os norteamericanos, rapidamente refeitos da surpresa provocada pela radicalização de Cuba, procuraram neutralizá-la, valendo-se da Organização dos Estados Americanos(OEA), a partir da reunião de agosto de 1961, em Punta del Este, no Uruguai. Mesmo em face da abstenção do Brasil, México, Venezuela e Chile, a quarentena anti-cubana foi posta na ordem do dia. O Governo argentino de Frondizi, que também não concordava com a providência, cairia no ano seguinte.

Ainda em 1961, a edificação do muro de Berlim acentuava os lineamentos da Guerra Fria que a presidência John Kennedy estenderia ao sudeste asiático mediante progressivo envio de observadores e assessores ao Vietnam do Sul. Formalmente, a intervenção yankee no Sudeste Asiático somente se formalizaria com a presidência Johnson, a partir de 1964, mas em 1962 já se encontrava em curso.

“Mais prudente e avisado”, o presidente norteamericano Dwight Eisenhower, apesar de vinculado aos acordos de paz de 1954, que praticamente colocaram os americanos no lugar dos Franceses, derrotados em Dien-Ben-Phu, evitou-a o quanto pode. Partidário da chamada doutrina Eisenhower, posta em lugar da belicosa doutrina Truman, o general Ike não se inclinava pela detente mas sua visão europeísta o conduzia a episódios como o do avião espião U-2, abatido às vésperas de Conferência de Paz, em maio de 1960, quando sobrevoava espaço aéreo soviético.

O *affaire* foi capitalizado pela União Soviética em face da qual os Estados Unidos reagiram, em outubro de 1962, quando Kennedy, falando duro para Mikoyan, na Casa Branca, exigiu o desmantelamento das bases de foguetes soviéticos instalados em território cubano. Ato contínuo, o Governo americano partiu para bloqueio a Cuba o que, em matéria de Direito Internacional, constitui declaração de guerra. O mundo esteve a pique de um desenlace fatal.

O dramático acontecimento teve efeito positivo, através da instalação de telefone vermelho entre o Kremlin e a Casa Branca, para contenção de eventual confrontação nuclear. À distância, o acordo firmado pareceu, todavia, assegurar a preservação da Revolução Cubana com limitação a seu próprio território.

Tal explica o fracasso de Che Guevara em conduzi-la à Bolívia, em 1967, e rápida multiplicação, em toda América Latina, de regimes militares, ao primeiro dos quais, no Brasil, em 1964, sucederiam, no chamado cone sul, os do Uruguai,

Argentina e Chile, sempre pretextando manutenção da ordem e contenção da ameaça esquerdista.

Em nome desses princípios, os Estados Unidos logo intervieram, com tropas brasileiras, na vanguarda, em São Domingos, em 1965. A Organização dos Estados Americanos(OEA), sob cuja bandeira agiram essas forças, ofereceu cobertura ao esmagamento do movimento nacional-popular do coronel Francisco Caamaño Deno, um veterano da Guerra Civil Espanhola. Regimes de inspiração socialista como o de Salvador Allende, no Chile, foram claramente desestabilizados, na década seguinte.

### **Visita frustrada e nova Igreja**

O início de estudo sobre as origens do movimento de 1964, na Paraíba, pelo plano internacional, também se justifica porque nunca os acontecimentos mundiais ocuparam tanto a atenção dos paraibanos.

Se, pela margem esquerda, aqui penetrava a revista pró-soviética *Problemas da Paz e do Socialismo*, distribuída na API, e publicações de países comunistas como Alemanha Oriental, encontradas nos diretórios de nível superior e União Estadual dos Estudantes da Paraíba (UEEP), a direita reagia, com Exposição sobre o Muro de Berlim, organizada pelo jornalista Júlio Vieira, e disseminação das atividades do anti-comunista e pró-americano Rearmamento Moral, também fértil em publicações.

Entre 1961 e 64, a Paraíba inseria-se no mundo, o que explica editorial da *Tribuna do Povo* em julho de 1962 - "O exemplo da Itália" - saudando o gabinete de centro-esquerda da Democracia Cristã, de Aldo Moro, em aliança com socialistas e republicanos sociais, além de discreto apoio comunista. Era evidente que a esquerda moderada sugeria experiência do tipo para o Brasil.

Atentos a essa e outras formulações, os Estados Unidos chegaram a ponto de articular a vinda à Paraíba, com

estações em João Pessoa e Sapé, de ninguém menos que o presidente norte-americano John Fitzgerald Kennedy. O representante do Presidente João Goulart, na Paraíba, deputado estadual Assis Lemos, reuniu-se em Brasília com integrantes da Embaixada dos Estados Unidos e Casa Militar da Presidência da República. Essa visita somente não se consumou, em razão do assassinato de Kennedy, em novembro de 1963.

O fato, constante de excelente depoimento do próprio Lemos, ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas, serve para comprovar as ligações da Paraíba com a área internacional. Desta também importávamos as novas posições da Igreja que, provenientes dos padres operários belgas e franceses, entre os quais Joseph Lebret com o livro *Suicídio ou Sobrevivência do Ocidente?* (1959), não tardariam a aqui se enraizar.

Foi essa a época em que, acompanhando as profundas transformações impulsionadas pelo papado de João XXIII e encíclica *Mater et Magistra* (1958), a Igreja começou, abdicando dos Seminários Diocesanos, em proveito do laicato religioso, a “aproximar-se do povo”. No campo litúrgico, a Santa Sé renunciava ao velho latim, em proveito dos idiomas nacionais, enquanto as missas passavam a ser celebradas com os sacerdotes postados de frente para os fiéis. Tratava-se de simbologia por trás da qual emergiriam posturas bem mais representativas. Parte da Igreja, até então visceralmente conservadora, afastava-se do anti-comunismo da Liga Eleitoral Católica (LEC) e guinava no sentido do “socialismo cristão”.

Na Paraíba, essa linha de ação, embrionária antes de 1964, iria definir-se a partir de 1966, com a investidura do novo Arcebispo Metropolitano Dom José Maria Pires.



## **Bibliografia**

- FEHRENBACH, T. R. - *O que há por trás da ONU*. Rio de Janeiro : DINAL, 1967.
- GORCE, Paul Marie De La - *Apogée et Mort de la IV<sup>th</sup> République* (1952-1958). Paris: Bernard Grasset, 1979.
- LANE, Peter - *The Postwar World* - An Introduction. London : B.T. Batsford.
- MELLO, José Octávio de Arruda - *Mundo Hoje*. João Pessoa : Gráfica A Imprensa, 1970.
- SWEEZY, Paul et al. *Reflexões sobre a Revolução Cubana*. Rio de Janeiro : Zahar, 1962.
- MENDES, Cândido. *Momento dos Vivos - A Esquerda Católica no Brasil*. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1966.